



**REDATOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral de Trabalhos  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Tâbaco-Lisboa • Telefone 65880  
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A estrutura jurídica das cooperativas

Entre as várias formas de cooperativas, a cooperativa mista (de consumo, produção e crédito) é, sob o ponto de vista jurídico, a mais característica. O direito baseia-se na igualdade e uma cooperativa será tanto mais jurídica quanto mais perfeita for a igualdade dos direitos subjetivos dos seus associados. A simples cooperativa de produção é uma contradição desse preceito jurídico.

Podemos conceber, na verdade, uma cooperativa de produção que seja apenas uma sociedade de produtores, sem o concurso dos outros elementos e em que a distribuição dos benefícios se faça equitativamente pelos associados. Uma tal forma de cooperativa podia, até certo ponto, admitir-se, se bem que produzindo não apenas para os sócios mas para o público consumidor, este não ficaria defendido da elevação de preços, da adulteração das mercadorias com que esse grupo privilegiado de produtores poderia pretender aumentar os seus proveitos; mas na prática as cooperativas de produção tem essencialmente uma forma capitalista, em que o produtor nem as vezes é sócio da cooperativa e, quando o é, tem de reconhecer direitos aos lucros de produção a indivíduos que não produziram.

A parte das desvantagens do seu pouco desenvolvimento, a cooperativa de produção defensável dentro do direito seria a cooperativa de produtores que entre si dividissem, não os lucros da exploração na venda ao público, mas os próprios produtos. Mas uma tal cooperativa será também fundamentalmente uma cooperativa de consumo, função a que alias não pode furtar-se nenhuma cooperativa. A fusão de grande número de cooperativas desta natureza, de produção dividindo só pelos sócios dos produtos, seria o verdadeiro modelo dumha cooperativa, que nesse caso seria também de consumo. E, na verdade, uma cooperativa é essencialmente uma sociedade de consumidores, isto é, portadores de direitos que se resumem numa satisfação de necessidades. A função jurídica da cooperativa é assegurar a cada um dos seus associados esse direito à satisfação das necessidades, de onde resulta a estrutura jurídica das cooperativas, o seu funcionamento sob o ponto de vista das relações meramente jurídicas, juntamente ligados com a situação geográfica, política e social do país e com a natureza dos actos de ordem técnica e de troca ou de produção e a Cooperativa realizará tanto mais completamente o seu fim jurídico quanto, sob o ponto de vista técnico, mais perfeita for a sua ação.

Para organizar uma cooperativa bem penetrada do seu fin social e jurídico, temos, pois, de atender às condições de economia e qualidade dos géneros, rapidez e oportunidade da sua distribuição e ainda as circunstâncias do meio físico e social onde vai ação e de que vai por vez sofrer uma determinada influência.

Uma cooperativa é fundamentalmente uma sociedade de consumidores, desses. Esses consumidores associam-se para melhor satisfação das suas necessidades — seu objectivo económico. Defendem-se da especulação de intermediários e organizam colectivamente o consumo, para assim obterem uma maior vantagem económica. Devido a este preceito de ordem económica é que aos mesmos consumidores se impõe como necessidade a organização da produção, para suprir a especulação capitalista e reduzir o preço do produto apenas ao preço da matéria prima, da mão de obra e despesas de transporte, quer isto dizer que uma cooperativa, exclusivamente de consumo não satisfará tam perfeitamente o seu objectivo como se tiver uma esfera de ação económica mais vasta, sendo também uma cooperativa de produção.

Mas, para organizar a produção e torná-la vantajosa, sob o ponto de vista do preço, para os sócios das cooperativas é necessário garantir uma laboração permanente, aproveitar os aperfeiçoamentos dos maquinismos modernos, realizar a economia industrial, fazendo o trabalho em séries para tornar a mão de obra mais barata em relação a cada objecto produzido. Daí resulta já que a produção organizada por uma cooperativa necessita dumha grande massa de consumidores. Se a cooperativa abrange um número de sócios suficiente para absorver a produção, esta não sairá do âmbito de cooperativa. Mas, se assim não sucede, terá de ir buscar fora outros consumidores. Mas, em relação a esses consumidores estranhos à cooperativa, podia suceder que se exercesse uma especulação capitalista por parte da cooperativa e assim a distribuição da produção pelos sócios da cooperativa, e só por esses, tente uma base de igualdade e abstração toda a especulação capitalista, seria feita mais em harmonia com a função jurídica e social da cooperativa. Portanto, uma das consequências da industrialização cooperativa aliada ao espírito jurídico que deve inspirar todo o cooperativismo é que cada cooperativa deve abranger um número apreciável de sócios, sem distinção de classes. A área de cada cooperativa deve ser o concelho. Sendo o objectivo da cooperativa a satisfação das necessidades dos seus associados, deve abranger por abranger cada cooperativa e a administração dos serviços que haja criado e promovido dentro da respectiva área.

Resumindo: Cada cooperativa deve abranger uma área apreciável e comportar número relativamente grande de sócios, sem distinção de classes. A área de cada cooperativa deve ser o concelho. Sendo o objectivo da cooperativa a satisfação das necessidades dos seus associados, deve abranger por abranger cada cooperativa e a administração dos serviços que haja criado e promovido dentro da respectiva área.

Hoje, sóbado, nenhum metalúrgico deve negar-se a contribuir para que aqueles camarádios não sucumbam a ação da Confederação Patronal, que foi o ponto de recomendar a todos os industriais metalúrgicos que não devem trabalhar nas suas oficinas aos grevistas. Da manutenção deste movimento depende a vitória dos grevistas, porque tanto do boicote por parte da Confederação Patronal, como da intransigência da firma Street, resultará apenas mais uns prejuízos na vida industrial daquela fábrica, — acrescido ainda, nenhum êxito para os fins a atingir pelo patronato.

A sessão esteve muito concorrida, sendo no final levantadas vivas à C. G. T., U. S. O., Batalha, organização operária, etc.

## Notas e Comentários

### Os assambarcadores e a baixa de câmbio

A sensível melhoria de câmbio que, nesses últimos dias, se tem acentuado, traz, ao que parece, as honestos e patriotas forças do olho vivo da nação assustadas e tomadas de receio.

Conta-se que o celebrado assambarcador Alfredo, da Silva abordando, numa entrevista com o presidente do ministro, o problema cambial disse:

— O que é aquilo idem baixo?

... o formigueiro dos inuteis.

E o formigueiro dos inuteis era constituído por meninos chicos e mulheres mundanas, militares e fadistas, um tipo de revolucionário civil e frequentadores de café!

Na impossibilidade de reproduzirmos os bons trabalhos de Sanches de Castro e João Guerreiro, deixamos aqui indicados aos que quiserem apreciar, os números dos jornais que os inseriram: *Diário de Lisboa* n.º 48, de 1 de outubro e *A Patria* n.º 316, de 7 p. p.

E um reclamo à *borla* que com gosto fazemos, como homenagem aos felizes cariçosistas.

### Sindicalismo tauromáquico

Pois é verdade, Os toureiros também vão associar-se, para a defesa dos seus interesses. Apesar de ser uma classe condensada a desaparecer à medida que os povos se formam educando — pois só a educação da saudade e da caserna, que converte o homem em ferro, é que permite a existência de tal profissão — achamos bem que os toureiros se associem para se defenderem dos empresários que os exploram.

Com este seu propósito desfaz-se, em parte, a conhecida definição de toureador: um espectáculo feito por brutos, com brutos e para brutos. Associando-se, os toureiros mostram que não são tam brutos como os imaginamos. E se aos pobres toureiros, lhes fosse permitido, pela constituição da república, associarem-se também para se defenderem dos que os martirizam, verificaria-se que, afinal, dos três toureiros, touros e público — único bruto é este último.

### Cartografias revolucionárias

Há tempo foi o manujo *Diário de Lisboa*, desenhado por Sanches de Castro, uma pedra de dominó, carrão ou dobro de serra como queiram, tendo escrito dum lado *ordem do outro desordem*. Por cima da pedra, as iniciais G. N. R., lendo-se num ex tremidade *sufocação* e na outra *revolução*. Por título *O jogo de agora e como legem*.

## AS GREVES

### Pessoal da Carris

Reunião ontem, delibera prosseguir no seu justo movimento

Reúniram ontem em sessão magna, às 15 horas, os nossos camaradas da Carris. Diversos oradores exortaram a classe a manter a máxima solidariedade, tendo o camarada Roque protestado contra os que se encontram dentro da Companhia exercendo o papel de traidores, protesto este extenso aqueles que declararam retirar-se se lá fôssem uma comissão, querendo assim simular que estão pelo lado dos grevistas, ao mesmo tempo que procuram agradar à companhia.

Pela comissão de melhoramentos fala o camarada Armando Martins, que descreve as *démarches* efectuadas e que não tem dado resultado satisfatório. Diz estar convencido que a melhoria cambial é fictícia, e, mesmo que não fosse, os argentinos evitariam que essa melhoria continuasse, para melhor espetacular a miséria do povo.

Carlos Fortes exorta a classe a cumprir os seus deveres de solidariedade. No meio do maior entusiasmo foi deliberado manter as reclamações apresentadas, e prosseguir na greve até completa vitória, sendo em seguida encerrada a sessão, entre entusiasmados vivas à greve, C. G. T., U. S. O. e a Batalha.

### Nota oficialis do comité

O Comité Central, dirigente do movimento, apela para a solidariedade de todo o pessoal e pede calma e serenidade, visto a convicção de que a vitória da classe se aprova.

Descrevendo categoricamente os bostos de que o pessoal se encontra mancomunado com a companhia, desafia seja quem for a provar a veracidade de tais afirmações e torna público que a consciência da classe que representa não se vende a políticos ou capitalistas, imponendo confissões do proletariado organizado.

### Classes gráficas

Vão, enfim, entabolar-se as negociações?

Continuam firmes na luta encetada pro-águamento de salário os nossos camaradas gráficos das casas de obras.

A comissão de *démarches* tomou conhecimento do comunicado da Confederação Patronal, em que declara pretender entabolar negociações com as respectivas associações de classe. Embora nada de oficial lhe haja chegado às mãos, e, não havendo desprimo nas pretensões da C. P., nem querendo prolongar por mais tempo um conflito que a todos prejudica, a comissão de *démarches* convoca a assemblea magna de 20 pedreiros que haja criado e promovido dentro da respectiva área.

Este deve ser o objectivo ideal das cooperativas, do qual deverão procurar desde já aproximar-se tanto quanto possível. Mas, como a vida económica não pode transformar-se de repente, segundo um modelo pre-estabelecido, devemos contar com a actual organização cooperativa, preferindo conservar as actuais cooperativas, a violentá-las, porventura contribuindo para que elas desapareçam.

Nunca noutro concelho é possível que a vida social tome o aspecto que preconizamos e isso sirva de incentivo para modificar a organização cooperativa. Mas enquanto isso se não der à direcção da Federação das Cooperativas a missão de preparando pouco a pouco as condições próprias para a eclosão do cooperativismo futuro, mais completo e desenvolvido, impulsionando todas as obras de interesse colectivo para os sócios de todas as cooperativas, sem distinção, dentro das respectivas áreas, como escolas, locais de diversão, armazéns de venda e o próprio serviço de transportes e tudo quanto possa tornar mais fácil e agradável a vida. Mas, à medida que se for robustecendo a organização cooperativa, deve a direcção da Federação ir confiando a cada cooperativa a administração dos serviços que haja criado e promovido dentro da respectiva área.

Resumindo: Cada cooperativa deve abranger uma área apreciável e comportar número relativamente grande de sócios, sem distinção de classes. A área de cada cooperativa deve ser o concelho. Sendo o objectivo da cooperativa a satisfação das necessidades dos seus associados, deve abranger por abranger cada cooperativa e a administração dos serviços que haja criado e promovido dentro da respectiva área.

SEIXAL, 9.—Promovida pela União dos Sindicatos Operários local, realizou-se na Associação de Classe dos Manufactores de Lanifícios de Arrentela uma sessão de propaganda pró-8 horas.

Falearam Manuel Tavares Júnior, o secretário geral da U. S. O., Júlio Teixeira, Hermenegildo Cambalacho, António Fernandes e Vitor Martins, delegado da Federação da Construção Civil.

A sessão esteve muito concorrida, sendo no final levantadas vivas à C. G. T., U. S. O., Batalha, organização operária, etc.

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Tâbaco-Lisboa • Telefone 65880  
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

## Congresso regional das Beiras

### DE LISBOA A VISEU

**Em Coimbra:** um almôço e um ramo de flores; uma visita à cidade e uma excursão aos arredores  
(Do enviado especial da BATALHA)

AVEIRO, 8, às 24.—Partimos de Lisboa às 8,30. Dia sombrio. Até Coimbra sem novidade.

Na cidade universitária esperavam-nos algumas individualidades de destaque da cidade. Entusiasmados poucos; curiosos, alguns. Escrevo em estilo cinematográfico, porque esta viagem é de Aveiro descorre com a velocidade dum filme de Chéri-bí-bí. Uma vez chegados a Coimbra tiveram a feliz ideia de nos dar de almoçar no Coimbra Hotel. Congressistas e jornalistas ficaram entusiasmados com a gentileza dos coimbrões.

Sem mais delongas atiramo-nos ao almôço com vontade. Os almôços desse género são como todos os almôços de Portugal: bem servidos de manjares e de discursos.

No final, nos brindes inevitáveis, falaram o sr. governador civil, que foi duma cativante gentileza para todos nós — o sr. governador civil, que se chama dr. José Cardoso.

Ah! esqueci-me um pormenor: as damas de Coimbra, cujos nomes ocultaram, ofereceram à imprensa um ramo de flores admiráveis. Todos nós lamenamos não conhecer o nome dessas damas. Serão as damas desconhecidas...

Continuemos depois do almôço o Congresso. O presidente do Senado Municipal, governador civil, autoridades civis, militares, bombeiros municipais, estudantes do liceu e outras agremiações fizeram-nos uma amistosa recepção.

Várias filarmónicas abriliharam o acto e o elemento feminino, verdadeiramente gentil nesta cidade, contribuiu bastante para suavizar o cansaço dum viagem de seis horas e dum noite mal passada em Aveiro, não por deficiências da comissão, que tem sido para connosco dumha amabilidade extrema, mas porque Aveiro não tinha hotel que comportasse tantos viajantes.

Pelas 17 horas, realizou-se nos passos da Câmara a recepção oficial e sessão inaugural do Congresso Beira.

**Na Câmara Municipal — Um bispo que diz das suas**

Apesar de Viseu pitoresca cidade, característica e bela, o povo esperava-nos com ansiedade.

O comércio encerrara as suas portas, às 15 horas, de forma que pelas 16 horas, quando chegámos, a estação estava literalmente cheia.

O presidente do Senado Municipal, governador civil, autoridades civis, militares, bombeiros municipais, estudantes do liceu e outras agremiações fizeram-nos uma amistosa recepção.

Várias filarmónicas abriliharam o acto e o elemento feminino, verdadeiramente gentil nesta cidade, contribuiu bastante para suavizar o cansaço dum viagem de seis horas e dum noite mal passada em Aveiro, não por deficiências da comissão, que tem sido para connosco dumha amabilidade extrema, mas porque Aveiro não tinha hotel que comportasse tantos viajantes.

Pelas 17 horas, realizou-se nos passos da Câmara a recepção oficial e sessão inaugural do Congresso Beira.

**Na Câmara Municipal — Um bispo que diz das suas**

Apesar de na Câmara Municipal só terem entrado congressistas, jornalistas, convidados especiais e as autoridades, a sala das sessões encontrava-se repleta.

Pontualmente, pelas 17 horas, o presidente do Senado Municipal, Augusto Teixeira Simões, iniciou os seus trabalhos com um discurso correcto.

Saída os congressistas que chegaram, dizendo que, na sua qualidade de bispo deve, quer e está contente.

Pede aos congressistas que com as suas conclusões ensinem o povo desta terra a progredir e que orientem os espíritos de Viseu.

Ao terminar houve palmas retumbantes e vivas patrióticas... e regionais.

Em seguida o bispo de Viseu, presidente da comissão local, usando da palavra, diz com descoloridas frases e algumas êrras de gramática, que Viseu se sente honrada com a presença de tantos homens ilustres; que da realização do Congresso muito há a esperar para o progresso da Beira, e, portanto, do país inteiro.

O bispo teve esta frase infeliz que convém arquivar:

**— No segundo decada do mês de Outubro de 1910...**

Quiz mostrar erudição e falou nas escolas das catedrais.

Por fim rogo ao ministro da justiça a fineza de presidir àquela sessão.

**A sessão inaugural foi breve**

Após vários vivas e outros sinais de regozijo, o dr. Matos Cid, ministro da justiça, em harmonia com o rôgo do bispo, ocupou a presidência, sendo secretariado pelo ministro da marinha e o mesmo bispo.

posto, seria, não o *Pinheiro Maluco*, mas o sr. *Basilio Pereira*, de Viseu.

*Basilio Pereira*, se fosse velho e chama-se canhão a todo o mundo, seria o *Pinheiro Maluco* de Viseu.

E com esta nota alegre foi encerrada a sessão.

Amanhã realiza-se, pelas 9 horas da manhã, a primeira sessão do Congresso. Os trabalhos são esperados com grande interesse.

Sarau em honra dos congressistas

A noite, em honra dos congressistas, realizou-se um interessante sarau no teatro *Viriato*.

Abriu o espetáculo o sr. governador civil do distrito, que fez um discurso leve e interessante sobre o espírito do povo da Beira, citando algumas quadras simples de *Augusto Gil*, e outros poetas.

O dr. sr. Alexandre Belo recitou com graca e frescura algumas poesias de postas da Beira, que mereceram o aplauso do público.

O teatro estava cheio. Muitas senhoras, lindas todas elas, porque não encontravam em Viseu uma mulher feia, estabeleceram um ambiente de afabilidade e de graca.

O poeta sr. Tomás da Fonseca, recitou versos da sua autoria.

E a peça regional *Os Beirões*, que, fazendo propaganda do congresso, não perde no entanto o sentimento beirão bem vincado na frase escultural e na música enternecedora, deliciou os espectadores.

**Luminárias por toda a cidade—Movimento excepcional nas ruas**

Viseu teve luminárias até altas horas da noite, o que, aliado à iluminação municipal, lhe dava um aspecto alegre e agradável.

Esta iluminação profusa faz-nos pensar colas tristes acárea de Lisboa, Paço e nos que cidade tam escura como a capital, apenas existe a de Aveiro.

Esta noite de festa trouxe a população da cidade e arredores para as ruas, encendendo-as.

Os estabelecimentos estavam soberbamente iluminados.

Letarias e pastelarias, que não são aquelas inferiores a muitas de Lisboa, estavam repletas até altas horas da noite.

**Mário DOMINGUES**

**Miguel Correia candidato a deputado?**

Um categórico desmentido

O nosso camarada Miguel Correia enviou aos jornais *Século*, *Diário de Notícias*, *Mundo* e *Pátria* a seguinte carta:

**Redactor**—No jornal que v. dirige apareceu ontem publicada uma notícia a propósito do ato eleitoral em que o meu nome se acha enunciado, quando é certo que não só extraiu os seus propósitos atribuídos aos ferroviários do Sul e Sueste, em levaram ao Parlamento representantes seus, para provarem, segundo elas, que estavam aptos a dirigir as forças burguesas em todos os campos.

Por tal noticia não é verdadeira, pois que apesar de bastante solícito em recusar, desde a primeira hora, terminantemente aces os desejos dos ferroviários que se achavam em Lisboa, e de que se achava da candidatura de deputado pelo círculo de Setúbal, porque mantendo-me coerentemente com os pontos de vista que sempre tenho defendido, toda a minha propaganda rompido com quentes aplausos, historia a prodigalidade exhibida pelos que a grande guerra tornou ricos. Toda a gente se envergonhava de ser pobre. Abocou-se com as magas, com as cortes, hoje centenas de umas e de outras, Verberou-se o governo pessoal; não há quem não procure hoje exercê-lo. Explicando o que sejam os bons princípios do cooperativismo, conclui que este não deve fazer outra política que não seja econômica.

Entre nós o cooperativismo acha-se no seu período inicial. É necessário desenvolver-lo, criando caixas econômicas, bancos populares e outras instituições similares, sem intervenção governamental, que não é necessária, mas há quem não procure hoje exercê-lo. Explicando o que sejam os bons princípios do cooperativismo, conclui que este não deve fazer outra política que não seja econômica.

Entre nós o cooperativismo acha-se no seu período inicial. É necessário desenvolver-lo, criando caixas econômicas, bancos populares e outras instituições similares, sem intervenção governamental, que não é necessária, mas há quem não procure hoje exercê-lo. Explicando o que sejam os bons princípios do cooperativismo, conclui que este não deve fazer outra política que não seja econômica.

O sr. Fernandes Alves, delegado da Cooperativa da Sociedade da Voz do Operário, Botelho Moniz, pelos Sindicatos Agrícolas, Coutinho, pela Cooperativa Esperança; Manuel da Silva, pela União do Professorado Pormá, Antônio Rodrigues Graca, delegado da Cooperativa de Alcântara; Caetano Júnior, das Caldas da Rainha.

Usa depois da palavra o dr. sr. Reis Santos. Sente-se cheio de fôlego para a luta em que entrou há 41 anos, quando, por ocasião da celebração do centenário de Camões, se sentiu transformado e viu que se estabelecia um movimento nacional. Saída quantos ali se encontram, lamentando que sejam relativamente poucos e entre eles não se vejam os poderes públicos nem a chamada élite portuguesa.

O dr. sr. Andrade Saraiça, por parte da Cooperativa dos Funcionários Públicos, ataca os especuladores e aplaudiu a tese.

Pelo sr. Teles é apresentada uma moção concordando com a orientação da tese do dr. sr. Reis Santos, e aguarda a discussão das restantes teses para serem apresentadas as suas conclusões e entram em discussão novas teses.

Resolve-se por proposta do sr. dr. Costa, que fiquem destacadados os delegados que tem direito a voto.

O aspecto económico do cooperativismo

E' apresentada em discussão a matéria da II secção do Congresso—Organização interna do Cooperativismo—1.º teste. O cooperativismo só o aspecto económico, do qual é relator o sr. dr. Arthur Garcia.

As suas conclusões são as seguintes:

1.º O cooperativismo corresponde a uma necessidade social.

O cooperativismo é um modo regular de enriquecimento dum paiz.

2.º As cooperativas de consumo realizam de modo mais eficaz a normalização dos preços pela regularização da concorrência e ação direta do consumidor.

3.º As cooperativas de consumo de terras e edificação de casas servem entre nós um auxílio eficaz de resolver o momento problema da falta de casas.

4.º O cooperativismo agrário conciliando a pequena propriedade com a grande cultura, sem partilhar os inconvenientes de outras, contribui poderosamente para a solução do problema agrário.

5.º Dos sistemas de vendas das cooperativas de consumo, o que se acha é melhor a venda a preços de mercado e distribuindo depois uma pequena percentagem dos lucros proporcionais às compras.

6.º O cooperativismo longe de esmagar totalmente o comércio e a indústria deve concorrer com elas no aperfeiçoamento da civilização.

Fala ainda o sr. Reis Santos, que cita o facto de assistir àquela assembleia o dr. sr. Betencourt Rodrigues, uma das maiores mentalidades do nosso país, cuja simpatia pelo assunto que se debate é manifesta.

O antigo ministro de Portugal em Paris agradece-lhe as palavras amáveis e diz que o cooperativismo deve ser encarado não só pelo seu aspecto económico como também pelo seu aspecto moral e educativo, fazendo a propósito várias considerações.

**FACTOS DIVERSOS**

Realizou-se amanhã, pelas 15 horas, no Teatro Nacional, e com a assistência do presidente da República, a abertura da exposição dos alunos do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. A's 14 horas realizou-se uma festa das flores, em benefício da Mutualidade Escolar «Futuro».

**Festas de solidariedade**

Por iniciativa de um grupo de amigos e sócios, realiza o Grupo de Variedades Raul dos Santos Cruz, na proxima 5.ª feira, 16, no Centro Escolar Espanhol, r. de Palma, 272, L.º, uma festa em favor de Amílcar Sarmiento, que se encontra internado no Grupo na rua das Flores, 12, no Castelo, e no Largo da Santa Cruz, 3, no Castelo, com a provisão de que se realize.

**Variedades e propagais**

BATALHA

## O Primeiro Congresso Cooperativista

Inaugurou-se ontem com pouca afluência de público

A socialização da terra é defendida por um importante lavrador

A socialização da terra e a defesa do «sagrado» direito da propriedade privada

Em seguida foram interrompidos os trabalhos por espaço de meia hora, fina que se entrou na discussão da tese que forma a 1.ª secção. A F. N. C. das suas relações com a actual situação da sociedade portuguesa, da autoria do dr. sr. Reis Santos. Esta tese não apresenta conclusões.

O orador diz que o Congresso, sendo soberano, as poderá tirar, em virtude da importância do assunto.

O sr. Manuel da Silva concorda plenamente com a tese e apresenta uma proposta considerando que ela corresponde superiormente à orientação geral que o cooperativismo deve seguir e já entre nós, que justifica com rara felicidade e flagrância as causas dos maus económicos e morais que nos atingem. Propõe que a tese seja aprovada por aclamação, ficando o relator plenamente autorizado a deduzir e redigir as conclusões nos termos que melhor lhe aprovarem.

O sr. Archer Crespo, que também aplaudiu o trabalho apresentado, acha que se deve fazer a propaganda do cooperativismo, cuja principal ação no momento actual é de procurar uma defesa contra a ganância desmesurada de determinados exploradores, que depois da guerra tem procurado assanhar tudo. E' triste verificar que professores, políticos, funcionários e até médicos e advogados, abandonaram as suas profissões para se entregarem a negócios de lucros imoderados, seguros.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a ideia da socialização da terra, para que esta seja produtiva.